

## **Criação de oficina de Arte no Lugar de Vida**

Luísa Torkomian

No meu último semestre de formação na instituição de educação terapêutica *Lugar de Vida* foi proposto que eu, juntamente com um músico e psicólogo, criasse uma oficina de música e artes visuais. Pretendo aqui contar um pouco desse processo, recortando alguns acontecimentos e atuações com uma das participantes do grupo e dando ênfase às produções nas minhas áreas de atuação: artes visuais e arte-educação.

Ao iniciar pela primeira vez trabalhos presenciais na instituição, após um período de isolamento social, ficou evidente que estar de corpo presente abre um leque enorme de possibilidades de enlace. As noções de presença, frequência e continuidade ficam mais distintas pelo caráter material, espacial e corporal dos encontros. Seja por uma produção conjunta, seja por simplesmente colocar os mesmos materiais do encontro passado à disposição das crianças, ou até o uso de um mesmo ambiente, caracterizando-o pelo seu entorno.

Nos grupos terapêuticos, que participei remotamente havia uma necessidade de que os coordenadores se colocassem com posturas mais ativas com as crianças, a fim de sustentar o laço, mesmo que distante. Já com as oficinas presenciais o silêncio se tornou menos ameaçador. Então me permitir ser menos propositiva e controlar meu desejo educativo. Deixei que meu olhar atento e meu silêncio entrassem em ação.

O silêncio tornou-se a ferramenta primordial em dois sentidos principais: primeiro como um lembrete da importância de um espaço sonoro para as crianças. Quando se trabalha com crianças com pouca produção oral, o falante tende a tentar preencher o vazio. Há algo de angustiante em lidar com a falta de resposta e a falta de produções mais diretas. É preciso se atentar para não haver uma tentativa de compensação. Segundo, o silêncio além de permitir a escuta mais atenta e uma postura mais receptiva do adulto, também pode ser usado como um mecanismo de descontinuidade, de pausa e vazio, em que se evidencia a aposta na presença de um sujeito, por permitir que a criança venha a produzir ou falar, podendo assim dizer-se de maneira singular.

### **Criando a partir do silêncio**

A escuta, experimentação e a criação andam de mãos dadas ao iniciar um projeto que considere a singularidade de cada criança como alicerce do trabalho. Inicialmente foi preciso

aquietar, principalmente, o desejo de realizar as propostas pensadas antes dos encontros, e olhar, escutar, tocar, sentir os cheiros, estar junto e buscar conhecer o que as crianças estavam trazendo para nós e de que forma cada uma delas estava construindo o seu jeito de ocupar aquele espaço da oficina. Depois veio o momento de criar, balizado pela experimentação, que aparecia nos momentos que discutíamos quais caminhos tomar com os encontros e durante as oficinas.

Foi importante estar disposta a ser atravessada por aquilo que estava vivenciando, para dar sentido a tudo que estava acontecendo. Era preciso me fazer atenta, maleável e manter a atenção livre e flexível para inventar novas abordagens. Essa oficina é uma tarefa inacabada, sempre exigindo ser criada e recriada.

Anna Marie Holm (2007) afirma que a presença de um interlocutor para que a criança desenvolva sua linguagem artística é imprescindível. Os adultos devem se colocar como co-participantes e não como detentores do controle do processo de criação. Mas, ao mesmo tempo, nem por isso devem deixar de se colocar e marcar sua posição como adultos.

“(...) se portar em nome próprio, com o próprio estilo, com as próprias capacidades, sabendo pôr em jogo a própria imagem, a própria presença e a própria ausência, os próprios interesses, a própria relação teatral com a vida, com o corpo e o desejo próprios.” Di Ciaccia (2005)

No trabalho com crianças que não estão plenas na linguagem, o interlocutor estará entre dois campos, reconhecendo as produções infantis, sendo assim reconhecida pela própria criança como alguém capaz de a compreender. Ao mesmo tempo, o adulto também será aquele que fará a passagem desse algo a ser lido para o campo do simbólico, dando-lhe sentido a partir de suas reações. “A criança pode viver uma experiência em que ela pode ser afetada, e percebe que afeta o outro e isto produz efeitos no sentido de ela poder se dizer, se expressar a partir da linguagem.” (Bernardino, 2017).

### **Por que uma oficina de Arte?**

“Passamos a fornecer conteúdos ideativos, a contar histórias, fazer músicas, apostando no valor da imaginação como instrumento que engendra a inscrição, ou que fornece as necessárias identificações para produzir as extensões das inscrições primordiais.” (Kupfer, 1998)

A Arte entra em cena como uma ferramenta potente que possibilita à criança achar uma forma singular de se dizer e de entrar no laço social, permitindo que acesse uma nova estrutura

de linguagem (da arte gráfica, do teatro, da música, da dança, etc) que a auxiliará a dar forma ou organizar sua imagem corporal, ou ainda, comunicar o que se passa consigo.

O trabalho manual associado ao fazer artístico envolve uma relação com o material em que aos poucos os movimentos e as partes do corpo ganham forma. Quando se trabalha com o corpo inteiro é preciso primeiro usar os sentidos em um raciocínio sensorial, para entender a relação desse objeto consigo. Depois, faz-se necessário entrar no campo da linguagem, onde o que foi capturado do externo ganhará significados simbólicos. Assim, um raciocínio formal e conceitual entrará em ação, permitindo que a criança transforme esse material, desenvolvendo um trabalho artístico.

Esse caminho de sucessivas traduções, que passam do saber ler o externo para interpretá-lo e transformá-lo, é crucial para o desenvolvimento psicomotor. E os raciocínios envolvidos em atividades visuais são importantes em outras tarefas, como ler e escrever, que estão associadas a imagens e códigos.

No contato com a arte, as crianças ganham autonomia ao aprender a buscar respostas e saídas em suas próprias experimentações. “(...) abrir, pela experimentação do estético, o campo da invenção - ou seja, (...) abrir um campo de existência possível para o sujeito através da experiência da arte” (Salles, 2009)

## **Explorações de I**

Ao acompanhar I em suas explorações pelo universo dos contos de fadas e das histórias das princesas, pude observar como a menina criava, com tanto empenho, formas de elaborar questões que a atravessavam. Frequentemente, ela trazia a história da Rapunzel e logo tomava um casal de bonecos como pais da personagem. Detinha-se por bastante tempo na parte em que a mãe estava grávida. Ela e o coordenador começaram a produzir a barriga para a boneca e toda vez era de uma forma diferente. Ao passo que a montagem da personagem mudava, seu entendimento sobre o assunto também. Há um processo de elaboração sobre sexualidade e gravidez.

Conforme a criança vai entrando na linguagem seu corpo gradualmente é marcado por ela. Assim o que existe de real naquele organismo é simbolizado e marcado pela cultura, suas partes do corpo, seus gestos e impulsos, começam a ganhar significados e a própria imagem corporal vai sendo formada. Segundo Dolto, “(...) a imagem inconsciente do corpo é relacional, ou seja, se constitui a partir do contato da criança com o outro.” (Tiussi, 2011).

Ficou evidente que I apresenta falhas na formação de sua imagem corporal ao escolher fantasias três vezes menores que o seu tamanho. Porém são nessas brincadeiras de atuação que

I, ao fazer o uso das fantasias, pode colocar seu corpo em relação ao externo. Fomos mostrando aos poucos que aquele vestido não era mais de tamanho adequado para ela, e apesar das tentativas, ela nunca escolheu outro vestido.

Além disso, a relação do seu corpo com o meu, nos jogos de encenação, foi marcando para ela as nossas diferenças. Ela tem um interesse forte nas questões de sexualidade, de casais e gosta de explorar meu corpo, sobretudo meus seios. Fui pontuando que não era para tocar meu corpo daquela forma, além de apontar os elementos que nos tornam diferentes e que fazem de mim uma mulher adulta e ela, uma criança. Em outro momento ela se interessou pelo meu sutiã e levantou minha blusa para ver o que era. Tive a mesma reação: com calma, disse-lhe que não era para levantar a minha blusa, e aproveitei para dizer: “esse que você viu é meu sutiã, mulher adulta geralmente usa isso, né?”. Novamente as interpretações feitas sobre as ações de I, direcionadas a ela, proporcionaram um empréstimo de significados, e colaboraram em parte com sua entrada gradual no campo do simbólico.

### **Oficinas - trocas e encontros**

Foram nesses encontros e trocas que busquei minha forma singular de colaborar com o tratamento de I. Mesmo que a oficina não se propusesse como uma terapia, ela apresenta efeitos terapêuticos, se mostrando potente em sua associação com os outros dispositivos de tratamento oferecidos pela instituição.

A educação terapêutica “passou a ser concebida como uma prática a ser realizada por todos – educadores, psicanalistas, coordenadores de ateliês, médicos, fonos – em uma ação articulada; uma articulação de discursos, que os profissionais passaram a realizar na prática” (Kupfer, 1998). Pude entender o sentido da minha prática dentre aqueles profissionais ao fazer e buscar saber sobre as crianças.

A garantia do lugar deicineira e estagiária ao lado de psicanalistas dentro da instituição é justificada dentro da noção de que *O Lugar de Vida* é atravessado por diversos discursos, dentre eles o Discurso do mestre. A instituição exige que esse discurso seja encarnado, porém este não é todo e não sabe de tudo, “(...) pelo saber de que seu saber é não-sabido por que se funda no inconsciente e porque não sabe sobre o desejo.” (Kupfer, 1998). É nesse não saber que as crianças e os profissionais podem assim se experimentar e descobrir quais são as possibilidades e as potências desses encontros, e o que eles suscitam em cada um.

## Referências:

1. BERNARDINO, L.M.F. (2017). O papel fundamental da escrita na educação inclusiva. In: Kupfer, M.C.M.; Patto, M.H.S.; Voltolini, R. (orgs.). **Práticas inclusivas em escolas transformadoras: acolhendo o aluno-sujeito**. São Paulo: Escuta, p.91-108.
2. DI CACCIA, A. A prática entre vários. In: S. Altoé e M. M. De Lima, **Psicanálise, clínica e instituição**. Rio de Janeiro, RJ. 2005.
3. HOLM, Anna Marie. Baby Art: os primeiros passos com a arte. **Museu de Arte Moderna de São Paulo**. São Paulo, 2007
4. KUPFER, M. Cristina M.; OLIVEIRA, Lina Galletti Martins de; GUGLIELMETTI, Marize Lucila. Lugar de vida, 10 anos depois. *Estilos clin.*, São Paulo , v. 3, n. 5, p. 10-18,1998
5. MACHADO, Letícia Vier. Rua da fronteira nº 14: fragmentos da singularidade de uma experiência. *Estilos da Clinica*, São Paulo, v. 21, n. 2018.
6. TIUSSI, Carolina Cardoso. O tratamento em grupo e a imagem inconsciente do corpo. In: Proceedings of the 8th **O declínio dos saberes e o mercado do gozo**, 2010, São Paulo, São Paulo, São Paulo (SPSPSP, Brazil) [online]. 2011 [cited 27 June 2021].